

**Fontes e jornalistas: a participação instigada e dirigida na pandemia  
no caso da TV Cabo Branco**

*Sources and journalists: instigated and directed participation in telejournalism  
in the pandemic context: the case of TV Cabo Branco*

Mateus Bezerra ARAÚJO<sup>1</sup>  
Thayane dos Santos MOREIRA<sup>2</sup>  
Alfredo Eurico VIZEU<sup>3</sup>  
Laerte CERQUEIRA<sup>4</sup>

**Resumo**

Esta pesquisa tem como preocupação procurar identificar pistas das relações que se estabelecem entre fontes e jornalistas no processo de produção de notícias na pandemia de Covid-19, em reportagens instigadas e dirigidas por causa do risco do contágio pelo coronavírus. Como metodologia, utilizamos o Estudo de Caso com abordagem qualitativa, utilizando como base entrevistas semiestruturadas realizadas com jornalistas da TV Cabo Branco – Afiliada da Rede Globo em João Pessoa – Paraíba. Como suporte teórico optamos por Silva (2018), Mesquita (2014), Becker (2016), Siqueira (2013), entre outros. Como resultados, constatamos que a participação a participação das fontes é cada vez maior na construção da informação. Essa interação amplia o horizonte da notícia modifica as rotinas e coloca novos desafios aos jornalistas nas suas práticas profissionais.

**Palavras-Chave:** Participação. Telejornalismo. Audiência. Rotinas. Pandemia.

**Abstract**

This research seeks to identify clues to the research relationships that establish a process between sources and journalists in the production of news in the Covid-19 pandemic, in reports instigated and directed because of the risk of contagion by the coronavirus. As a methodology, we used the Case Study with a qualitative approach, based on semi-

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB). E-mail: [jornalistamateusaraujo@gmail.com](mailto:jornalistamateusaraujo@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB). E-mail: [thayanemoreira@gmail.com](mailto:thayanemoreira@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor Doutor do PPJ - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB). E-mail: [a.vizeu@yahoo.com.br](mailto:a.vizeu@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Professor Doutor do PPJ - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPJ/UFPB). E-mail: [laerte.cerqueira@academico.ufpb.br](mailto:laerte.cerqueira@academico.ufpb.br)

structured interviews carried out with journalists from TV Cabo Branco - Affiliate of Rede Globo in João Pessoa - Paraíba. As theoretical support, we chose Silva (2018), Mesquita (2014), Becker (2016), Siqueira (2013), among others. As a result, we found that the participation of the sources is increasing in the construction of information. This interaction broadens the horizon of the news, modifies routines and poses new challenges to journalists in their professional practices.

**Keywords:** Participation. Television journalism. Audience. Routines. Pandemic.

## Introdução

Nos últimos dois anos vivemos em uma sociedade transformada pelos impactos trazidos pela pandemia de Covid-19. Todos os setores sofreram interferências em caráter de urgência para buscar se adaptar em meio à crise sanitária, tentando manter o desenvolvimento das atividades, evitando ao máximo a disseminação do coronavírus e preservar a vida das pessoas.

No jornalismo o impacto não foi diferente, esgotamento com excesso de trabalho, demissões em massa, agravamento de problemas psicológicos e disseminação de desinformação nas redes sociais, são os principais agravantes que a pandemia trouxe para os jornalistas. É o que aponta o relatório parcial do Centro Internacional para Jornalistas (ICFJ, em inglês), em parceria com o Centro Incentivo para o Jornalismo Digital da Universidade de Columbia, realizado em 2020, com mais de 1.406 entrevistados<sup>5</sup>.

Cientes de todos esses desdobramentos, esta pesquisa tem o objetivo de discutir os estreitamentos entre jornalistas e as audiências comunicativas (SAPERAS, 2000), interativas e participativas na construção dos conteúdos televisivos, relação que ganhou força neste contexto pandêmico em uma realidade onde as atividades das reportagens presenciais tornam-se arriscadas para todos os envolvidos nessa construção. Essas causaram impactos nas rotinas profissionais e lançaram novos desafios aos jornalistas.

A produção deste artigo justifica-se pela importância da discussão dos temas relacionados à temática no cenário de pandemia que vivenciamos e a possibilidade de contribuir com avanços na pesquisa acadêmica, bem como registros históricos dessa fase atípica do telejornalismo. Acreditamos que os estudos sobre esse tema podem contribuir

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://sites.ufca.edu.br/agenciacariri/jornalistas-debatem-impactos-da-pandemia-para-a-profissao/>

para a instrumentalização teórica e prática para o enfrentamento da crise bem como dos novos desafios resultantes desse quadro.

Dentro desse contexto, nosso trabalho tem como base teórica os estudos que tratam de telejornalismo pedagógico (SILVA, 2018), audiência potente (MESQUITA, 2014), coprodução (SIQUEIRA, 2013). Entendemos que a perspectiva do jornalismo pedagógico pode contribuir no sentido de procurarmos entender a “função didática” do jornalismo na pandemia. Sua preocupação em esclarecer as causas e os efeitos da doença praticamente desconhecidos pela população.

A audiência potente e a coprodução estão intimamente ligadas. A primeira mostra como ampliou a participação das pessoas no processo de produção da notícia, em particular, através das redes sociais. A coprodução é um processo que sempre esteve presente no Jornalismo. As fontes sempre tiveram uma participação importante na construção da informação jornalística com seus testemunhos, dados, entre outros. Em tempos de internet isso ganhou uma dimensão bem maior.

Para a realização desta pesquisa, optamos pelo Estudo de Caso como caminho metodológico, que segundo Yin (2005, p. 32), é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência. O Estudos de Caso permite também a partir da leitura de um contexto particular a possibilidade de propor a realidade estudada para outros objetos e fenômenos.

Neste estudo, que possui uma abordagem qualitativa, realizamos entrevistas semiestruturadas com seis profissionais jornalistas que atuam na emissora TV Cabo Branco - afiliada da Rede Globo em João Pessoa, no estado da Paraíba, em diferentes funções: apresentação, reportagem, produção e edição de imagens. No entanto, por não termos coletado autorizações das entrevistas de modo formal, tivemos o cuidado de preservar a identidade dos entrevistados, ao mesmo tempo que os deixamos cientes que os conteúdos poderiam ser utilizados em fins acadêmicos na íntegra ou editados. O material foi coletado em março de 2022, fazendo uso dos recursos de mensagens de texto e de voz do aplicativo *WhatsApp*.

## Covid-19 e telejornalismo: reestruturação e novas rotinas

As mudanças no jornalismo, pode-se dizer que, estão atreladas às mudanças da sociedade, pois, a partir dos modos como se organizam, o Jornalismo se adequa a realidade imposta. A organização e funcionamento das sociedades humanas, as novas relações sociais e novas dinâmicas de desempenho das instituições foram determinantes para sucumbir a essas mudanças, principalmente no que se refere ao profissional, que passaria/passou a produzir para o online e não apenas para o offline.

A pandemia de Covid-19 (Sars-CoV-2) e seus desdobramentos trouxeram inúmeras transformações na sociedade, um contexto de instabilidade e incertezas, que levou a reestruturações significativas nas formas de executar os mais diversos tipos de ações, e isso não foi diferente quando se trata do jornalismo, e como enfatizado nesta pesquisa, do telejornalismo.

Na verdade, as mudanças fazem parte da história do telejornalismo no Brasil, onde, Segundo Maior (2017, p. 24), data de 18 de setembro de 1950 a inauguração da primeira emissora do país PRF - 3 TV Difusora, mais tarde chamada TV Tupi, de São Paulo. Por trás deste marco histórico temos o nome do paraibano Francisco de Assis Chateaubriand, empresário e político, proprietário dos Diários e Emissoras Associados.

Nos últimos anos, o avanço tecnológico proporcionou uma nova forma de se fazer jornalismo onde, para Baldessar (2008), os jornalistas tiveram que se adaptar a uma nova realidade profissional, com a exigência de maior qualificação, a especialização crescente dos ofícios e as modificações nas condições de trabalho. Foram instalados novos modos de produzir conteúdo e novas rotinas de trabalho e com as tecnologias, são evidentes os novos aspectos na maneira de trabalhar e produzir.

Uma das características da televisão é se adaptar a novos recursos tecnológicos. Os canais de assinatura de jornalismo, justamente pelo acesso restrito ao público assinante, eventualmente servem como espaço experimental que se abrem para as tecnologias digitais (computadores com celulares com câmeras) e para a inserção dos conteúdos participativos e colaborativos (TEMER; SANTOS, 2021).

As mudanças nas práticas produtivas jornalísticas desencadeiam dilemas para os profissionais da área que passam a lidar com as incertezas da profissão e, conseqüentemente, com os desafios ainda maiores do mercado que precisa se reinventar para permanecer ativo diante do fortalecimento da concorrência midiática.

Apesar das mudanças, os noticiários televisivos ainda exercem função dominante na produção de noticiosos audiovisuais. Os telejornais são o que Vizeu e Correia (2008) denominam uma espécie de “lugar de referência” para a maioria da população onde elas procuram se informar sobre o mundo que as cerca em sociedades cada vez mais complexas.

Becker (2016) explica que, apesar de maior participação das audiências, da hibridização de linguagens e da transmidialidade, boa parte dos conteúdos e formatos noticiosos audiovisuais disponibilizados na internet ainda sofre influências da televisão e do telejornalismo. Para Siqueira (2018, p. 14), “ainda hoje, mesmo frente à concorrência com a internet e com os aplicativos para celular, a TV possui um espaço importante no auxílio da interpretação da realidade social e é um ambiente onde a imagem tem uma grande relevância”. E no contexto pandêmico percebemos mudanças ainda mais significativas para esta área no tocante a rotinas produtivas e no fazer jornalístico num todo, como citado por Piccinin e Bozzeto (2020, p.5):

[...] nesse novo contexto, marcado pela demanda, pelo pavimento de informações, os jornalistas precisaram buscar movimentos rápidos de configuração e adaptação, em razão das regras de distanciamento social impostas para conter a propagação do vírus pelo país.

As adaptações iniciais no telejornalismo para exercer as atividades seguindo os protocolos de segurança sanitária para evitar a contaminação pelo coronavírus levou os profissionais jornalistas a adotarem práticas até então não utilizadas, ou, em alguns casos utilizadas em ocasiões muito específicas. Suspensão de pautas em locais com aglomeração; uso de dois microfones em caso de entrevistas presenciais (um para o repórter, outro para a fonte); uso de softwares para a realização de entrevistas com respondentes dos mais diversos lugares sem a necessidade do repórter sair da emissora; expediente home office para profissionais considerados do grupo de risco; uso da máscara de proteção pelo repórter em entradas ao vivo e passagens de reportagens, além da grande colaboração dos telespectadores na construção dos conteúdos televisivos, pontos estes que serão melhor explanados no decorrer do presente trabalho.

A mudança não é apenas na rotina do trabalho dos jornalistas, mas também da empresa de comunicação. Soluções econômicas e de segurança do trabalho tiveram que ser realizadas para que a qualidade do telejornal fosse mantida e que os profissionais tivessem o ambiente

seguro para exercer suas funções. Desse modo, a empresa teve que pesquisar, planejar e executar suas mudanças (SILVA, 2020).

### **Audiência reconfigurada no contexto de pandemia**

Com o avanço tecnológico, a disseminação da internet e a rápida adesão às plataformas de redes sociais, a audiência televisiva sofreu uma reconfiguração ao longo dos anos e o perfil do telespectador evoluiu. A audiência estática e passiva que parava em frente à televisão apenas para ver e ouvir o que acontecia no país e no mundo – sem grandes questionamentos ou sem qualquer tipo de envolvimento no que estava sendo transmitido –, agora é ativa e participativa, além de ser expandida, dividindo sua atenção nas múltiplas telas, “enquanto deixa a TV ligada, navega em sites, faz compras online, checa e-mails, acessa redes sociais ou até mesmo interage com o programa que está sendo transmitido” (MOREIRA, 2021).

A facilidade para conectar um aparelho à internet e, logo, em questão de minutos acessar diferentes sites e perfis de redes sociais faz com que o indivíduo seja bombardeado de informação por todos os cantos do ciberespaço. Ou seja, a televisão que por muitos anos foi o principal meio de informação de muita gente, agora divide espaço com outras fontes, o que contribuiu diretamente para a mudança no perfil do telespectador.

A televisão expandiu-se ao adentrar o ciberespaço: o aparelho tradicional não é mais o único meio transmissor de conteúdo. A internet e principalmente as redes sociais, atuam como extensores e muitas vezes amplificadores dos conteúdos gerados pela mídia tradicional. (...) O aumento da participação dos usuários no meio online com o advento das redes sociais ajudou na expansão da televisão, potencializando seu poder de penetração e hibridização. (STEFANO; FERREIRA, 2018, p. 27)

As plataformas de redes sociais e a possibilidades de interação independente da geolocalização dos usuários, foram fatores determinantes para a nova relação entre o telejornalismo e a audiência, uma vez que permite que os telespectadores entrem em contato com as emissoras de TV de maneira rápida, por meio de aplicativos de mensagens instantâneas ou através da caixa de mensagem de qualquer outra plataforma, e envie seus questionamentos, denúncias, sugestões e opiniões, precisando apenas de um aparelho eletrônico conectado à internet para isso.

Neste contexto de sociedade midiaticizada (FAUSTO NETO, 2008) e interação entre os jornalistas/veículos e o público, o telejornalismo passou a ser beneficiado com essa contribuição direta dos telespectadores, aproveitando das sugestões de pautas e do material feito nas ruas, como fotos e vídeos.

Os celulares e outros dispositivos móveis com acesso à Internet têm possibilitado às pessoas que não cursaram jornalismo, nem trabalham na área de comunicação, registrar conteúdos da atualidade, compartilhá-los e amplificá-los. Como a natureza do jornalismo está identificada com a atualidade, muitos desses conteúdos passaram a interessar e, mais do que isso, foram incorporados pelo campo em espaços que não são somente os de Cartas à Redação. (MESQUITA, 2016, p. 161)

A inclusão da audiência no campo jornalístico através de participação com fotos, vídeos e/ou sugestões, tem alterado as rotinas produtivas e até o próprio jornalismo, desenvolvendo um novo processo de produção. O critério de noticiabilidade continua sendo do jornalista, porém, em contrapartida, ele recebe um número maior de informações e de novos olhares (captados por câmeras de celulares), que auxiliam na construção do telejornal.

Sendo assim, contribuindo de maneira voluntária para a escolha de pautas dos telejornais, essa audiência potente (MESQUITA & VIZEU, 2014), passou a ser instigada para que participasse mais enviando materiais para as emissoras da TV. É comum, atualmente, ver e ouvir apresentadores de telejornais pedindo que os telespectadores participem, utilizando de um discurso convidativo para seduzir e convencer o público de que ele pode ter voz e de que ela – certamente – será ouvida. Assim, podendo fazer com que a audiência se sinta até mesmo parte da equipe.

Em 2020, com a chegada e o rápido aumento de número de casos da pandemia da Covid-19 no país, as equipes de TV – acostumadas a irem às ruas em busca dos fatos e entrevistas – deram de cara como um desafio: fazer as reportagens cumprindo o distanciamento social, evitando entrar em estabelecimentos, prédios ou casas de entrevistado.

Então, como mostrar, por exemplo, a situação de boa parte da sociedade em reclusa cumprindo o distanciamento social sem ir até os personagens?<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Entrevistado que, assim como na literatura, é o “ator principal” para contar a história e a notícia, sendo mostrado como exemplo relacionado ao tema.



Há quem ainda defina o jornalismo como “contar histórias e narrar fatos” e para isso, continuava sendo necessário (mesmo vivenciando uma pandemia), ouvir fontes, especialistas e membros da sociedade de modo geral para a história fosse contada e cumprisse seu papel de informar e causar sensações e reflexões. Siqueira e Dias (2021) afirmam que “as sonoras, como são chamadas as entrevistas dentro das reportagens ou em outros formatos do telejornalismo, humanizam e auxiliam na contextualização das informações, trazem explicações, vivências, relatos etc.”, ou sejam, elas são (quase que) indispensáveis para os telejornais.

Desse modo, o telejornalismo precisou se adaptar ao contexto vivido pela sociedade e se reinventar para garantir a cobertura de todos os aspectos que envolviam as limitações causadas pela pandemia. Foi nesse momento que a figura da audiência comunicativa como coprodutor ganhou ainda mais força e se tornou necessária para a produção dos telejornais.

O telejornalismo – caracterizado especialmente pelo uso de áudio e imagem na produção de notícias – precisou se ajustar à nova normalidade e as rotinas jornalísticas passaram por modificações. Chamadas de vídeo se tornaram comuns na produção de conteúdo e personagens foram transformados em cinegrafistas, gravando suas entrevistas e imagens de apoio para participar de reportagens. (SIQUEIRA; NEVES; MOREIRA, 2020, p. 188)

Os coprodutores – aqueles que não integram a equipe de jornalismo do veículo de comunicação nem são especialistas ou fontes oficiais, porém fornecem imagens (fotos e/ou vídeos) à emissora (SIQUEIRA, 2013) – se tornaram imprescindíveis para a produção das matérias, uma vez que esses telespectadores foram instigados a produzir seus próprios vídeos dando seu relato, sem o intermédio de um entrevistador, e até mesmo a fazer imagens suas que serviriam de apoio para complementar o VT, sem o auxílio de um cinegrafista profissional. Assim, as reportagens foram sendo construídas a partir dos vídeos enviados pelos telespectadores, possibilitando que a história fosse contada mesmo mantendo o distanciamento social recomendado pelas autoridades de saúde.

Devido à necessidade de se manter o distanciamento social por questão de segurança tanto dos entrevistados quanto das equipes, a forma encontrada pelos jornalistas para que as reportagens pudessem ser feitas da melhor forma possível, ouvindo personagens e especialistas, foi por meio de vídeos produzidos pelos próprios entrevistados. (...) aumentou-se a quantidade de reportagens que passaram a ser



construídas completamente na redação, sem que as equipes saíssem da emissora para gravar com alguém. (SIQUEIRA; DIAS, 2021, p. 157)

Vale ressaltar que esse método também precisou ser adotado por aqueles repórteres que, por pertencerem ao grupo de risco da doença, foram designados para trabalhar no formato *home office*<sup>7</sup> e tiveram que recorrer às entrevistas por videochamadas e aos vídeos feitos pelos entrevistados para conceber a reportagem.

Portanto, é possível afirmar que a audiência ativa teve e ainda tem papel fundamental para a construção dos telejornais locais dentro do contexto pandêmico. A disponibilidade e contribuição dos telespectadores são essenciais para manter o telejornalismo próximo dos indivíduos mesmo com os desafios que surgiram desde o início da pandemia da Covid-19 no Brasil.

### **Novas práticas de produção no telejornalismo durante a pandemia de Covid-19**

Providências, em caráter de urgência, precisaram ser tomadas, visando conter a disseminação do coronavírus, entre elas, manter o isolamento social. Sendo assim, o jornalismo, que também foi considerado serviço essencial pela relevância de transmitir informações confiáveis em uma realidade marcada pelas incertezas relacionadas à doença, adaptou-se para permanecer ativo mesmo em meio a tais limitações.

O impedimento dos repórteres, em grande parte dos casos, de entrevistar suas fontes *in loco*, reforçou as práticas colaborativas, estreitando os laços entre jornalistas e audiência. Os apresentadores que já incentivavam a participação do público por meio de mensagens no WhatsApp e através das redes sociais, passaram a fortalecer ainda mais esta prática, instigando essa participação ainda mais ativa (GARAU, HENRIQUES, 2020).

Outro ponto que merece destaque nesta análise é a participação dirigida dos conteúdos enviados pelo público, na qual é possível perceber que existe, por exemplo, a orientação para que os entrevistados enviem vídeos gravados com o celular na horizontal.

Dentro desse contexto nossa preocupação foi buscar pistas para entender os principais impactos dessa forma mais incisiva de colaboração do público para com os telejornais e como os telejornais se tornaram, de certa forma, dependentes dessas

---

<sup>7</sup> Ou seja, cumprir o expediente de trabalho de casa.

contribuições em alguns momentos. Seleccionamos seis profissionais da TV Cabo Branco, dentre eles: uma repórter que está atuando no formato home office; uma apresentadora; dois produtores e dois editores de imagem. O objetivo foi conseguir opiniões de diferentes equipes.

Segundo o produtor 1, a relação entre jornalista e audiência passou por uma transformação em virtude da necessidade do distanciamento social porque, conseqüentemente, durante os primeiros meses de pandemia, as equipes de reportagem ficaram distantes dos acontecimentos e do público. Para o produtor 2, com a dificuldade de ir às ruas, a contribuição dos telespectadores foi essencial.

A participação do telespectador passou a ter mais importância e a ser mais frequente. (...) O jornalista ficou mais próximo da audiência por existir uma maior necessidade de ouvir esse público e os jornais ficaram mais "quentes" e imediatistas. E isso também "interiorizou" mais os jornais estaduais da emissora, permitindo que a gente chegasse com participação por vídeos ou apenas comentários da audiência de localidades que não conseguimos mandar repórteres por questões logísticas. (PRODUTOR 2)

Logo, os materiais produzidos pela audiência potente se tornaram indispensáveis para a montagem dos telejornais e, por mais que muitos telespectadores já mandassem voluntariamente suas mensagens, sugestões e vídeos, a emissora precisava de vídeos específicos, sobre determinados assuntos e foi preciso buscar fontes (oficiais, personagens e especialistas) que aceitassem gravar seus próprios vídeos, de acordo com a necessidade daquela reportagem. Percebemos que essa ajuda vinda da audiência foi bastante positiva no primeiro ano de pandemia, em 2020, e continua sendo adotada pelas equipes dos telejornais, quando não há a possibilidade da equipe de reportagem ir até a fonte entrevistada ou quando a reportagem é feita pelo repórter que está realizando o trabalho remoto. Ou seja, foi uma mudança que perdurou na redação pós-pandemia.

E, para incentivar que os telespectadores continuem enviando vídeos para os telejornais, os produtores fazem uso de estratégias para convencê-los a gravar e dão orientações sobre como o vídeo deveria ser gravado, uma espécie de direção. Como conta o Produtor 1:

Tento destacar que a nossa ideia é ajudar a resolver o problema, expor ele ou publicar essa opinião (em caso de comentários). Nem todos estão dispostos a participar, mas podem ajudar com contatos ou informações. Em caso de vídeo, por ser para a TV, sempre pedir para gravar em um

local silencioso e com o celular deitado, para melhor visualização estética no formato da TV. (PRODUTOR 1)

O desafio de dirigir os conteúdos também é descrito pelo Produtor 2:

Primeiro ressaltar a importância daquele material. Segundo, explico que não é nada super produzido. As pessoas temem que para ser exibido na TV, o conteúdo precise ser perfeito e não é assim. Não precisa falar da forma mais culta. É pra ter uma linguagem acessível e para passar a informação. Se a mensagem é compreendida, o trabalho foi feito. (PRODUTOR 2)

No entanto, os produtores ressaltam que à medida que as participações da audiência ganhavam mais destaque nos telejornais, mais mensagens, fotos e vídeos chegavam, fazendo com que o volume do trabalho da produção aumentasse e a equipe ficasse sobrecarregada em alguns momentos, pois além das atividades já desempenhadas pela produção (desenvolvimento de pautas; apuração de informações; agendamento de entrevistas; entre outras), também é necessário responder as mensagens dos telespectadores e ir em busca de respostas para cada denúncia recebida. Para Apolonio et al., as dificuldades trazidas pela pandemia e as novas adaptações para o fazer jornalístico ocasionou a precarização do trabalho dos jornalistas.

esse contexto contribui para a precarização do trabalho jornalístico especialmente em tempos de pandemia. (...) No que concerne à rotina de trabalho dos jornalistas na contemporaneidade, há precarização não só do trabalho, como também do salário, ademais, o ritmo demasiado acelerado acarreta o alto acúmulo de tarefas. (...) O resultado de toda essa precarização é o adoecimento do profissional. (APOLONIO ET AL., 2020, p. 6-7)

A repórter que participou da pesquisa engravidou durante a pandemia e foi afastada do trabalho presencial precisando cumprir o expediente no formato remoto<sup>8</sup>. Por ter experiência em produção, durante esse período, ela realizava as reportagens e também as produzia, ou seja, acumulava funções. Além disso, toda a construção dos VTs era feita com entrevistas por videochamadas e com vídeos enviados pelas fontes. Ela afirma que há vantagens e desvantagens nesse formato em que o profissional precisa dirigir a participação da audiência.

---

<sup>8</sup> Obedecendo a Lei Federal 14.151/2021 que determinava que as funcionárias gestantes deveriam ser afastadas das atividades presenciais.

A principal vantagem é a segurança, já que o vírus ainda está circulando. Hoje (quase) todo mundo sabe gravar um vídeo com o celular e com orientações fica mais simples. (...) Mas, ao mesmo tempo em que quase todo mundo sabe gravar um vídeo, quem tá em casa e não trabalha na área não vai ter a mesma noção de enquadramento, cenário, luz e os equipamentos que usamos no dia-a-dia jornalístico. E o formato passa pra o entrevistado uma ideia de flexibilidade de prazo que nem sempre é possível. (REPÓRTER)

Além das orientações para a gravação do vídeo, a repórter também passa exemplos de respostas para que o telespectador entenda que se trata de algo trabalhado, porém simples.

Às vezes o entrevistado não sabia o que responder mesmo sendo uma situação pela qual ele havia passado ou sabia a resposta, mas acabava achando que seria muito simples e não serviria. Então hoje eu mando a pergunta e alguns exemplos de resposta. Além de pedir pra imaginar que está contando a história a um amigo por videochamada. (REPÓRTER)

A apresentadora entrevistada por nossa equipe que durante o telejornal, antes mesmo da pandemia, já instigava os telespectadores a interagirem com a emissora enviando comentários e sugestões de pautas, revelou que o dead line é uma das principais dificuldades nesta dependência da fonte para concluir o conteúdo, ao dizer que “estamos acostumados a concluir uma matéria com o tempo contado, com limite. O entrevistado do outro lado do telefone não entende esse compromisso e algumas vezes manda o material quando pode”, e acrescenta:

Outra dificuldade é o formato. A gente diz “horizontal é melhor, a imagem fica numa melhor qualidade”, mas nem sempre entendem. “Me responde tais perguntas”, mas o vídeo gravado que chega não tem nada a ver com o que você pediu. E pedir para refazer não é fácil até a pessoa entender. Enfim, ficar na dependência do outro de enviar material correto e na hora que queremos é quase impossível. Sempre sai algo fora do esperado ou do que o jornalista imaginou (APRESENTADORA).

O processo constante dos jornalistas, como a apresentadora faz, de mobilização das audiências se dá dentro de um novo contexto da participação da mesma e da força das fontes no processo de produção da notícia. As fontes ampliam seu papel de fornecerem dados para a construção da informação para serem coprodutoras do produto final (SIQUEIRA, 2013), (MESQUITA, 2014).

Uma das características mais fortes da televisão é justamente a qualidade da imagem, isso acaba passando credibilidade ao telespectador. Inclusive, o padrão Globo sempre prezou por ressaltar a qualidade técnica dos seus materiais. No entanto, tal fator passou a não ser considerado crucial neste contexto de limitações impostas pela pandemia. O editor 1 fala sobre isso:

Na maioria das vezes as imagens não estão estabilizadas e são escuras. Pra mim isso não é um grande problema, pois no jornalismo eu priorizo a informação. Entendo que a informação bem estruturada, com texto coerente e de fácil entendimento pra todos é o mais importante. Se fosse cinema. A imagem conta muito, mas como é jornal a informação é mais relevante. (EDITOR 1)

Sobre esses conteúdos que os telespectadores são instigados a enviar para a emissora, o Editor 2 destaca algumas vantagens ao falar que:

Quanto mais o telespectador é instigado a fazer e enviar o material, melhor fica o produto final. Com tudo isso alinhado, eu consigo perceber outra vantagem que é: "o céu é o limite" ou seja, dá pra fazer matérias sobre lugares ou assuntos que, talvez, da matéria tradicional fosse mais difícil. (EDITOR 2)

A preocupação do editor mais com os aspectos informativos do material enviado pela audiência está intimamente ligada a preocupação em esclarecer o contexto da informação. Nesse sentido podemos observar nessa prática a presença da intenção de uma “pedagogia do Jornalismo”. Ou seja, independente da qualidade do conteúdo o importante é contextualizar, explicar o fato para a audiência (Silva, 2018).

Piccinin e Bozzette (2020), dentro desse panorama de reconfiguração e adaptação no telejornalismo, em razão das regras de distanciamento social impostas para conter a propagação do vírus pelo país, trazem uma contribuição relevante sobre o material que é enviado pelas fontes destacando um acento na informalidade narrativa.

[...] ainda que uma imagem possa ter tecnicamente algum comprometimento, seu valor maior é o que tem para contar, indicando uma aproximação, por decorrência, a uma estética do vídeo amador, não em termos de articulação da informação, mas da qualidade das imagens e do sentido que a edição procura demonstrar.

No que se refere ao processo de dirigir os conteúdos produzidos pelas audiências comunicativas, bem como os exemplos dados ao público em frente às câmeras, o exercício do papel pedagógico do telejornalismo tem como preocupação tornar o material

mais compreensível. Sem dúvida, não há a preocupação do Jornalismo em exercer uma pedagogia da Educação que é um conhecimento de outra natureza (SILVA, 2018). Trata-se de tornar mais acessível algo que é de desconhecimento da audiência. A fala concedida pelo editor 1 merece destaque por enfatizar essas questões e mostrar que a televisão possibilitando novos olhares no fazer pedagógico:

Os jornalistas foram os primeiros a darem o exemplo para os telespectadores na pandemia, já que eles frequentavam ambientes propícios para se contaminarem com a doença e tiveram que usar máscara, tiveram que tomar todas as precauções possíveis e eles serviram de exemplo para os telespectadores, além de passar notícias checadas, maneiras de lavar as mãos, de como se precaver, eles aparecem no vídeo usando máscara. Logo depois, quando apareceram as vacinas, os jornalistas mostraram que elas são cientificamente comprovadas, que as vacinas salvam vidas, alguns repórteres, inclusive, se vacinando ao vivo, tirando o medo e as dúvidas da população. (EDITOR 1).

Desse modo, nesse novo contexto, o que vem sendo observado diante da fala dos nossos entrevistados e com o posicionamento dos pesquisadores da área, são as novas dinâmicas e linguagens interativas e até inovadoras do telejornalismo, o que permitiu uma cobertura da pandemia expondo o profissional de comunicação minimamente aos riscos de contágio e impondo novas formas de produção.

### **Considerações finais**

A pandemia da Covid-19 impactou a vida em sociedade e, conseqüentemente, o trabalho de grande parcela da população. No telejornalismo, as emissoras de TV precisaram se adequar e adaptar toda a equipe a uma nova rotina de trabalho, cumprindo todas as medidas sanitárias impostas pelos órgãos de saúde, incluindo o distanciamento social. Entretanto, foi possível perceber que mesmo com o distanciamento físico, a relação jornalista-audiência foi estreitada.

Ao longo da pesquisa ficou claro que o telejornalismo ficou (até certo ponto) dependente da audiência, pois precisou da contribuição dos telespectadores com fotos, vídeos e mensagens, para compor reportagens e telejornais ao vivo. Logo, a figura do coprodutor ganhou força e a audiência foi reconfigurada em uma espécie de extensão da equipe.

Contudo, vale salientar que o trabalho do jornalista de TV também sofreu uma precarização no contexto de pandemia, visto que - além da carga emocional de precisar lidar diariamente com os dados diários de mortes e os ataques de negacionistas -, o jornalista sofreu uma sobrecarga de trabalho, inclusive, na interação com a audiência.

Por fim, compreendemos que a participação instigada e dirigida foi uma estratégia que aumentou significativamente no período de pandemia. Ao mesmo tempo acreditamos que não se trata de uma prática momentânea. Intensificada e ampliada durante a pandemia é possível afirmarmos que hoje faz parte do cotidiano das redações.

## Referências

BALDESSAR, Maria José. Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas. In: INTERCOM, 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Campo Grande: UNIDERP, UCDB e UFMS, 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2BALDESSAR.PDF>. Acesso em: 29 mar. 2022.

BECKER, B. Uma historiografia dos noticiários televisivos. In: BECKER, B. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

GARAU, E. C; HENRIQUES, R.P. A rotina produtiva do telejornal e a produção de sentido: um estudo de caso sobre os impactos do uso do whatsapp pela redação. In: **Comunicação e produção de sentidos**. Edufes MC&G, 2020.

MAIOR, Gilson Souto. **História na televisão da Paraíba**. João Pessoa: A União, 2017.

PICCININ, F; BOZZETTO, V. **A grande reportagem longe das ruas: rotinas e práticas para o telejornalismo em tempos de COVID-19**. SBPJor. Santa Cruz do Sul, 2020.

SAPERAS, E. **Os efeitos cognitivos da comunicação de massas**. Lisboa: Edições Asa, 2000.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; SANTOS, Marli. Conteúdos colaborativos e novas possibilidades do telejornalismo. **Interin**, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 8-25, 22 jul. 2021. Sociedade Civil Educacional Tuiuti Limitada. <http://dx.doi.org/10.35168/1980-5276.utp.interin.2021.vol26.n2.pp8-25>.

SILVA, L. J. C. da. **Saberes, linguagem e dispositivos didáticos: as dimensões da função pedagógica do telejornalismo** / Laerte José Cerqueira da Silva. – Recife, 2018.

SILVA, Larissa Stephanie Moura. **Jornalismo na pandemia do coronavírus: as adaptações encontradas pelos jornalistas de televisão 2020**. 34 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social Com Habilitação em Jornalismo, Fepesmig, Varginha, 2020.



SIQUEIRA, F. C. de. **A reconstrução da realidade no telejornalismo**: uma análise da coprodução via WhatsApp. Revista Observatório. Palmas, 2018.

VIZEU, A.; CORREIA, J. C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. (Org.). **A sociedade do telejornal**. Petrópolis: Vozes, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.